



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante anúncio da obrigatoriedade de mistura de 5% de biodiesel ao diesel de petróleo

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 23 de outubro de 2009

Eu quero cumprimentar a nossa querida companheira Dilma Rousseff,
O nosso querido companheiro Lobão,
O nosso querido companheiro Guilherme Cassel,
Quero cumprimentar o nosso querido Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
O nosso Luiz Antonio Elias, nosso companheiro, secretário-executivo da Ciência e Tecnologia,
Nosso querido companheiro José Lima, presidente da BR Distribuidora,
Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível,
Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás,
Quero cumprimentar o Odacir Klein, que falou aqui em nome dos empresários, em nome da Ubrabio,
Quero cumprimentar o Schneider aqui, representante da indústria automobilística,

E quero, Lobão, Odacir Klein – quando a gente era deputado – “quero pedir, senhor presidente, que os meus discursos sejam dados como lidos e publicados nos anais desta Casa”, porque está muito longo e muito repetitivo, então não tem sentido.

Apenas dizer para vocês duas coisas. Nesta semana eu tive uma conversa com o Presidente do BNDES e ele me trazia um número que me causou muito impacto. Em 2004, o BNDES, com toda a pujança que tinha, contratou financiamento de 40 bilhões de dólares... de reais. Este ano o



BNDES vai terminar o ano contratando R\$ 157 bilhões, ou seja, praticamente, de 2004 a 2009, quatro vezes mais de financiamento para o desenvolvimento do País.

Agora há pouco eu acabei de conversar com o Presidente do Banco do Brasil e vejam uma coisa: o Banco do Brasil, hoje, em 2009, terminará o ano – somente o Banco do Brasil – disponibilizando a mesma quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003. Ou seja, somente o Banco do Brasil, em 2009, irá disponibilizar todo o crédito que a gente tinha disponibilizado no Brasil em 2010 [2003].

A Caixa Econômica vive o melhor momento histórico dela, do ponto de vista de financiamento, do ponto de vista de investimento, de contratação, de habitação, de saneamento básico.

E agora eu estou aqui em um ato em que nós estamos cumprindo, no final de 2009, para começar a funcionar em 2010, aquilo que estava previsto para 2013.

Ora, o que está acontecendo no Brasil? Eu penso que um país não é construído e um país não é medido pela quantidade de habitantes ou pela quantidade de quilômetros quadrados que ele tem, porque você pode ter uma quantidade de quilômetros quadrados e ser um país vazio, e você pode ter uma quantidade enorme de habitantes e ser um país em que as pessoas estão muito empobrecidas e o país não consegue se desenvolver.

Uma nação é construída e a sua construção é medida pela qualidade das decisões de políticas públicas que o governo e o seu povo são capazes de tomar. E em política tem uma coisa importante que é não reconhecer, como sempre foi reconhecida aqui, a palavra medo. Em política, quem tiver medo não saia na chuva. Quando nós somos oposição ou quando nós somos apenas cidadãos comuns, nós costumamos dar muito palpite, ou seja, nós estamos em uma rodinha, a gente fala “eu acho que deveria ser feito assim”; em outra rodinha, a gente fala “eu penso que deveria ser feito assim”; em outra rodinha,



you fala “eu acredito que deveria ser feito assim”. Quando you chega ao governo, you não pensa, não acha e não acredita. You faz ou não faz. Este país, durante muito tempo, careceu dessa determinação de tomar decisões.

Ora, o biodiesel não é novo. Ele foi patenteado pelo Expedito Parente em 1975. Eu só cheguei ao governo em 2003. Portanto, de [19]75 a 2003 são praticamente 28 anos. Ora, se um país teve o patenteamento de uma perspectiva extraordinária, de um conhecimento tecnológico de uma parte dos cientistas brasileiros e não tomou a decisão de transformar isso em uma coisa que pudesse fazer a evolução da economia brasileira, a inovação da matriz energética brasileira, significa que nós perdemos 28 anos. Quando todo mundo sabe que nós temos um déficit na balança de petróleo porque nós somos obrigados a importar óleo diesel. Só por essa razão, essa decisão do biocombustível deveria ter sido tomada quase concomitantemente – gostaram do “concomitantemente”? Estou chique agora, viu, Dilma? –, essa decisão deveria ter sido tomada no mesmo momento em que a gente tomou a decisão de colocar o álcool na nossa matriz energética. Ou seja, nós tivemos a capacidade de fazer do etanol uma matriz energética excepcional – reconhecida hoje no mundo inteiro como o país que detém a melhor qualidade de etanol –, mais produtiva, mais rentável, e poderíamos ao mesmo tempo ter adotado a política do biodiesel. E não adotamos.

Eu aprendi, Odacir, como é que funciona a máquina pública. A máquina pública só funciona se o chefe quiser. Isso vale para o governo, isso vale para o Banco do Brasil, isso para a Petrobras, isso vale para um Ministério qualquer. Entre you tomar uma decisão e a corporação embaixo digerir, leva um tempo. E se tiver fundamentalista, que é contra, a coisa não acontece, não acontece. Por isso é que se cunhou no Brasil a tese de que tem lei que pega e lei que não pega. O que é inadmissível, you pensar que you faz uma lei e ela não pega. É porque tem gente que cumpre e tem gente que obriga a cumprir aqueles que não quiserem cumprir.



O biodiesel, portanto, chega com o nível que nós queríamos produzir em 2005 com três anos de antecedência, carregado de alguns problemas. Primeiro, os meus elogios ao fato de a gente ter atingido os 5%; de ter havido a compreensão dos companheiros que construíram as usinas para produzir biodiesel; da indústria automobilística, que está cada vez mais *flex fuel* para receber o biodiesel, ou seja, menos defensora dos motores das matrizes; do governo, que tem trabalhado através dos Ministérios e da Petrobras para que as coisas acontecessem.

Agora, prestem atenção em uma coisa que eu vou falar, que é muito séria. Eu só tenho mais um ano de governo, só tenho mais um ano, um ano e uns dias. Nós não temos o direito de ficar dependentes da soja, não temos o direito de ficar dependentes da soja. Será um ledor engano e nós iremos começar a perder politicamente o que ganhamos até agora, porque a soja é alimento, e tem um bilhão de seres humanos passando fome no mundo.

E isso, eu não estou dizendo um discurso novo agora, não. Isso eu dizia desde o começo, e em várias reuniões com vocês: é preciso que a gente comece a pesquisar e a investir em novas oleaginosas para que a gente tenha uma diversificação muito grande na possibilidade de produção do biodiesel. Eu até lembrava da cana-de-açúcar, lembrava já há algum tempo. Já fiz discurso, você já ouviu, Odacir, que a gente tem que utilizar a soja quase como uma coisa reguladora do mercado. Ou seja, como é a maior produção do Brasil, você pode utilizar, mas não pode ficar dependente, porque se a pessoa não estiver obrigada a produzir de mamona, a produzir de girassol, a produzir do dendê... E aí, Miguel Rossetto, não tem outra coisa. Isso só vai acontecer se vocês, da Petrobras Biocombustível, assumirem, assumirem. Isso tem que ser tarefa, isso tem que ser profissão de fé. A gente tem que dizer claramente o que a gente quer fazer, porque somente assim esse programa terá muita solidez.

Qual é a minha preocupação? A minha preocupação é que, se amanhã



o preço da soja subir muito e a China quiser comprar muito mais, nós poderemos começar a ter problema, nós poderemos começar a ter problema. E vocês sabem que o mundo vai, cada vez mais, precisar de alimentos, porque a África está crescendo economicamente. E as pessoas, quando vão ficando bem de vida, a primeira coisa que as pessoas querem não é um carro, é comer. E a soja é um alimento nutritivo de extraordinária qualidade e, portanto, nós temos que ter esse alerta, ter esse alerta. Aí cabe ao governo, aí o papel do Estado.

Alguns companheiros da imprensa acham que eu fico nervoso quando falam que eu sou defensor do Estado. A coisa que eu tenho mais orgulho é quando colocam na imprensa que eu sou defensor do Estado. Essa crise econômica veio provar que não é possível o mercado, por si só, dar conta dos problemas que acontecem em uma nação. Ela veio provar que o Estado tem que ser sério, mas tem que ser regulador e indutor, ao mesmo tempo.

É por isso, meu caro companheiro Miguel Rossetto, meu caro ministro Lobão, que aumenta a nossa responsabilidade. Eu dizia para a Dilma, agora: é preciso que a gente quase institucionalize a possibilidade de, uma vez por ano, fazer uma reunião para discutir biodiesel com empresários, com trabalhadores, com técnicos, para que a gente vá aperfeiçoando a cada ano as coisas que nós temos que fazer. Porque senão, meu caro, o cidadão vai produzir daquilo que ele tem. Se a gente não induzi-lo a estabelecer uma nova oleaginosa, uma nova planta, ela não vai acontecer por si só. Nós temos, primeiro, que dizer que queremos. Segundo, dizer que vamos comprar. Terceiro, dizer que vamos usar. E quarto, qual é a política de incentivo nossa, para as pessoas poderem acreditar naquilo que nós estamos falando.

Bem, como eu acredito que é irreversível, é irreversível, não só por ser um combustível menos poluente, por ser um combustível mais gerador de empregos, por ser um combustível que, além de emitir menos gás efeito estufa, vai sequestrar quando estiver crescendo a planta que a gente plantar para



colher ele, nós temos todas as razões do mundo para consagrar. Agora, apenas o cuidado de que a gente não pode ir dando passos muito grandes se a gente não estiver calçado, atrás, pela capacidade produtiva do País, porque na medida em que o biocombustível entrou na matriz energética, ele não pode faltar. Por que o que vai acontecer, se ele faltar? A primeira atitude do governo é diminuir a quantidade de biodiesel no óleo diesel, não é? E nós achamos que se nós formos cuidadosos, dando passo a passo, mas bem pensado, bem sólido, a gente pode, quando menos esperar, chegar a B20, porque já tem coletivo, já tem a indústria... as locomotivas já são testadas e produzidas para B20, a indústria automobilística já está testando o B20, já tem ônibus andando com B20, já tem... Ou seja, nós, não só do ponto de vista interno do nosso país, mas do ponto de vista desse debate sobre o aquecimento global, o Brasil pode se apresentar como a grande referência mundial em conhecimento tecnológico e na capacidade produtiva da energia que as pessoas precisam.

Portanto, esse sinal que nós demos hoje aqui, de começar em 2010 a colocar no carro aquilo que a gente só ia colocar em 2013, é um sinal extraordinário de que quando um país tem um povo que acredita, que tem autoestima e que está acreditando que as coisas agora engrenaram, não há por que este país retroceder, não há por que.

Nós, Odacir, você que é um homem da política – o Lobão, que é um homem da política, o Rossetto, que já foi deputado –, você sabe que este país nunca acreditou tanto em si. Talvez no tempo do Juscelino tenha acreditado um pouco, como nós estamos acreditando agora. Na verdade, este país está em uma fase em que nós não aceitamos mais ser tratados como cidadãos de segunda categoria ou de terceira categoria.

O mundo, hoje, respeita o Brasil como jamais respeitou. Ninguém mais fala que o Brasil é de Terceiro Mundo, essa palavra acabou. Ninguém mais fala que o Brasil não tem responsabilidade fiscal, porque nós estamos dando lição, hoje. Ninguém mais fala que o Brasil é um país pequeno, porque hoje nós



estamos emprestando dinheiro ao FMI. Parece pouca coisa, mas para a minha geração e para a tua, que passamos trinta anos fazendo oposição contra tudo isso, contra a subordinação deste país... Muitas vezes, agíamos como se fôssemos inofensivos.

Então, nós temos que aproveitar este momento do Brasil que, na minha opinião, é um momento de ouro deste país, para transformá-lo, no futuro, no momento definitivo de um país sólido, de economia sólida, com política social sólida, tirando o povo do último degrau e colocando o povo no segundo, no terceiro, no quarto.

Porque no Brasil teve um tempo em que o pobre não podia crescer, que o rico achava que estava prejudicando ele. Isso era pura ignorância. Quanto mais o pobre melhorar de vida, mais o rico vai melhorar de vida. É quase uma lógica... do próprio Henry Ford, não é de nenhum cara lá da Rússia, do tempo... é uma coisa americana. Ele dizia: "eu preciso pagar bem aos meus funcionários, para eles poderem ter dinheiro para comprar o carro que eu produzo".

Então, nós precisamos melhorar a vida dos pobres porque o mercado interno, nessa crise, nessa crise - todo mundo sabe e eu falo todo dia - alguns setores empresariais se acovardaram, meterem o pé no breque de forma abrupta, sem necessidade. E quem sustentou o consumo neste país foi a parte mais pobre da população, que durante muito tempo não tinha tido acesso ao consumo.

Esse é um alerta. O nosso mercado interno sobreviveu graças a essa parte mais pobre da população, que começou a comprar um carrinho, que começou a comprar uma roupinha nova, que começou a comprar um computador, que começou a comprar um televisor. Só por conta do programa Luz para Todos, 87% das pessoas que receberam o programa Luz para Todos compraram televisão, compraram geladeira, compraram aparelho de som, compraram liquidificador. Só por causa de três bicos de luz e de uma tomada



na sua casa. Então, imaginem a revolução que a gente está por fazer neste país, se a gente acreditar que os de baixo precisam subir mais um degrau, para que os de cima não tenham que descer um degrau.

Este país não será construído pelo governo. Este país será construído pela sociedade e será construído por vocês. Se vocês tiveram competência de fazer com que três anos antes a gente chegasse ao B5, vocês têm competência para compreender que o Brasil não poderá sofrer nenhum retrocesso.

Portanto, parabéns ao ministro Lobão, à Dilma, ao Cassel, à Petrobras, e sobretudo a vocês, empresários, que acreditaram e fizeram o B5 acontecer.

Um abraço.

(\$211A)